



Necropolítica

remissivos

/// ativismos e insurgências
/// campo de refugiados
/// expulsão

estudantes

Isadora Almeida
Luiza Castelo Branco
Sophia Farias

glossário da condição contemporânea

Glossários são listas de palavras com explicações chamadas *glosas*, desenvolvidos desde a Antiguidade Clássica e tornados populares a partir da Idade Média, empregados por estudiosos no trabalho de interpretação de textos, apoiando a explicação do sentido de palavras obscuras. Com o tempo os glossários tornaram-se autônomos, com diferentes formas de organização, servindo de apoio à explicação de termos específicos a determinado campo de conhecimento. § Para o semestre 2021.2 propõe-se a elaboração de um *Glossário da Condição Contemporânea*, formado por termos que apresentam diferentes condições planetárias advindas de uma mundialização sem precedentes, facilitada pela revolução informacional. § Os fenômenos e aspectos analisados se caracterizam pela adoção de orientações econômicas neoliberais, por novas formas de trabalho, pela constituição de paisagens de extração com implicações ambientais, enfim, por mundos cindidos por abismos a serem sondados. Propomos, com a atividade, apresentar nossos compromissos com o presente e com o futuro.

atualidades-fauunb.org/glossario-2021-2

[...] Tentei demonstrar que a noção de biopoder é insuficiente para dar conta das formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte. Além disso, propus a noção de **necropolítica** e de necropoder para dar conta das várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, as armas de fogo são dispostas com o objetivo de provocar a destruição máxima de pessoas e criar “mundos de morte”, formas únicas e novas de existência social nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o estatuto de “mortos-vivos”. [...]

Necropolítica

Necropolítica é um termo criado pelo filósofo Achille Mbembe, em 2003, em livro homônimo e aprofundado pelo mesmo autor em 2016, no livro “Políticas da Inimizade”. A justaposição entre os termos “necro” e “política” conformam o conceito que aborda formas de dominação contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte. A Academia Brasileira de Letras reconhece o termo e sua autoria, definindo-o como “uso do poder político e social, especialmente por parte do Estado, de forma a determinar, por meio de ações ou omissões, [...] quem pode permanecer vivo ou deve morrer.” (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2021). Embora de aceitação rápida, devido a sua justaposição eloquente, Necropolítica é um conceito denso, envolvido em uma trama teórica com aportes de diversas áreas, como a ciência política, filosofia, história e geografia. O termo nasce, principalmente, a partir da compreensão dos conceitos de biopoder, soberania e estado de exceção quando enxergados pelas lentes da experiência colonial.

O conceito de biopoder é o ponto de partida para a construção teórica de Mbembe. O biopoder foi teorizado por Michel Foucault nos anos de 1970, um filósofo que construiu seu corpo de trabalho em torno de discussões sobre as dinâmicas de poder e análises das formas de dominação presentes na modernidade. No livro “Em defesa da sociedade”, ele expõe o racismo de Estado institucionalizado nos estados contemporâneos em busca de compartimentalizar as pessoas de acordo com a “raça”, isto é, para facilitar o controle de corpos específicos. O biopoder é, para Foucault, o exercício de um “velho direito soberano de matar” (FOUCAULT *apud* MBEMBE, 2018, p. 18). O estado inerentemente racista irá desenhar a separação dos grupos sociais que terão sua vida promovida ou descuidada.

Achille Mbembe recorre à história para argumentar as relações de biopoder e necropolítica, discorrendo sobre os momentos durante os quais a morte foi uma estrutura do poder de Estado. Neste percurso, o autor reflete a partir das experiências do Iluminismo, do colonialismo e da Revolução Francesa, tendo como interlocutores, além de Foucault, Giorgio Agamben, Franz Fanon e Hannah Arendt. Em uma resenha sobre o livro “Necropolítica”, Tatiana Ferreira (2018) destaca ainda a forte natureza geográfica do conceito, considerando a forma como o território se estabelece em nações colonizadas e subdesenvolvidas a partir dos pontos abordados pelo autor. Para explorar ainda mais a amplitude do debate, trazemos a discussão para o Brasil, onde compartilhamos do passado de escravidão e experiência colonial com outros territórios, mas também podemos identificar situações presentes no momento socioeconômico e político atual. O Brasil surge das expansões colonizadoras e da adoção da escravização como força de trabalho. Em decorrência disso, ainda sofre as consequências de uma fundação baseada na exploração e na violência, práticas das elites que adotam políticas de submissão dos mais frágeis na pirâmide social, negros, indígenas e mulheres. O poder interno e o poder externo irmanados representam a dialética da colonização como bem esclarece Alfredo Bosi (1992).

Podemos atualizar o debate de Mbembe, com a eleição de um governo totalitário de Jair Bolsonaro que se pauta por políticas de morte: degradação ambiental, racismo e homofobia, armamento da população, isto é, lidamos com uma forma de ódio promovida pelo Estado. A crescente desigualdade social reforça a criminalidade e fomenta a decisão de quem vive e de quem morre – negros, indígenas, pobres, ativistas e ambientalistas, homossexuais. Cria-se um estado de terror, fazendo com que a população, ao se sentir insegura, apoie as políticas armamentistas. Além disso, a necropolítica age diretamente em territórios de exclusão, como as favelas e suas comunidades, onde os direitos não são garantidos. Desprovidos de, infraestrutura urbana básica, saúde, educação, segurança e moradia, esses territórios, durante a pandemia expõem as suas vulnerabilidades, sua população é alvo e sofre as consequências das omissões de forma escandalosa.

A formulação do conceito de necropolítica está relacionada com o conceito de biopolítica de Foucault que, resumidamente, é o fazer viver e o deixar morrer destinados a certos grupos. Indo além, Mbembe vê a biopolítica como insuficiente para explicar a política de morte promovida por um grupo soberano e liga o conceito à questão colonial, buscando exemplos na história como forma esclarecer o necropoder. Mbembe surge como referência para a análise e para a luta antirracista no interior do Estado Democrático de Direito, na medida em que esclarece os vínculos históricos entre necropolítica, racismo estrutural e descolonização.

referências

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). **Necropolítica**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, [2021]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/necropolitica> | Acesso em: 12 fev. 2022.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- FERREIRA, Tatiana de Souza. Resenha do livro Necropolítica de Achille Mbembe. **Giramundo**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 117-120, jan. 2018. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/GIRAMUNDO/article/view/2574> | Acesso em: 18 abr. 2022.
- FOUCAULT, Michel. **Il faut défendre la société**: cours au Collège de France, 1975-1976. Paris: Seuil, 1997.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. Tradução: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MENDES, Conrado Hübner. 21 técnicas de matar em silêncio: não há opacidade nas engrenagens de morte turbinadas por Bolsonaro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, FolhaJus, p. 1-1, 2 fev. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/conrado-hubner-mendes/2022/02/21-tecnicas-de-matar-em-silencio.shtml> | Acesso em: 12 fev. 2022.